

EDITORIAL

*“Flumina pauca vides de magnis fontibus orta,
plurima collectis multiplicantur aquis”¹*

Não melhor do que seu tempo, mas seu tempo da melhor maneira! Este mote, de sabor hegeliano, traduz de maneira exemplar a relação do filósofo com o tempo. Desde o início da Filosofia, conforme a anedota relatada por Diógenes Laércio – em que a escrava trácia de Tales de Mileto riu de seu mestre que caíra numa poça d’água por estar olhando para o céu –, o filósofo e a Filosofia mantêm uma curiosa (para dizer o mínimo!) relação com o Tempo.

De fato, o surgimento da Filosofia e dessa quase bizarra figura do filósofo inaugura uma nova dimensão no interior do Tempo cosmológico pelo ato de apreender o próprio Tempo no conceito. O Tempo apreendido no discurso, ou seja, o Tempo do conceito, revela-se como uma espécie de “agora permanente”, Tempo do presente ou, mais exatamente, da presença do sentido intemporal de tudo e do todo.

Essa nova compreensão do tempo leva Platão a interpretar o Tempo do mundo, governado pela mistura de necessidade e inteligência, como a moldura que circunscreve para os seres humanos o quadro no interior do qual se exerce a autonomia da ação humana. A exigência de autonomia e, portanto, o imperativo de misturar inteligência e necessidade na sua relação com o mundo e com os seus iguais, leva os seres humanos a cair na conta de que a responsabilidade pelas suas ações não se limita ao breve tempo da sua vida, mas estende-se por todo o tempo no qual a sua alma – imortal e, portanto, intemporal – é chamada a realizar o fim último da vida humana, que consiste na assemelhação ou assimilação a Deus.

O presente número de *Hypnos* apresenta artigos e comunicações sobre o Tempo: de Platão a Heidegger e Camus, passando por Aristóteles, Agostinho e Nietzsche, diferentes abordagens do tema são contempladas nos textos que compõem este volume. Somam-se a estes, um texto sobre a

¹ “Vês poucos rios surgirem de grandes nascentes, mas muitos que crescem recolhendo filetes de água.” Ovídio, in *Remedia amoris* (vv.97s).

VI adequação material para linguagens aristotélicas, uma vigorosa reflexão sobre *O Sofista*, de Platão, e uma preciosa análise dos significados do efêmero, do perpétuo e do cíclico nas imagens dos mosaicos antigos, que põem em confronto arqueologia e temporalidade.

No momento em que a revista alcança, na classificação Qualis da Capes, o nível “Nacional A”, em reconhecimento à qualidade que a coloca entre as melhores revistas de Filosofia publicadas em nosso país, queremos reafirmar aos nossos leitores o compromisso de manter e aperfeiçoar constantemente a qualidade editorial e gráfica da nossa revista.

Marcelo Perine
Conselho Deliberativo